

ACOLHIMENTO

Livro 79

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



AMOR À VIDA

Somos a única espécie com a capacidade de que a consciência rejeita seu destino. O amanhecer da consciência se produz logo depois da longa noite evolutiva da inconsciência. A consciência só desperta a luz do valor, bússola do sentido. Quando ela está madura, é quase impossível não amar a vida. O amor à vida conduz a honrá-la, a cuidá-la, a respeitá-la, a comprometer-se com ela, a reverenciá-la, a aprofundar seus mistérios e desvelar seus princípios reitores. O amor à vida revela o sagrado da existência. Eleva o existir em nível do privilégio e da graça. Quem encontra a motivação de viver, cria um bem estar interno sempre predisposto a selecionar aquilo que valha a pena. O amor é contagiante e, por isso mesmo, perigoso, pode vincular-nos aos piores ou aos melhores.

Estamos lançados ao desafio.

O ACOLHIMENTO

Tão generoso como animador, o acolhimento incentiva e anima o amor. Eminentemente prático e útil, tem contribuído para a amizade cordial, por prazer copioso, com prolongados encontros, ajudando em sua regência adequada. O acolhimento se ocupa da vazia solidão, da fome de abraços, das queixas incubadas ou declaradas, dos merecimentos e das dúvidas. Destaca pedidos, inovando em cada hospitalidade. Sua variedade e precisão constrói a satisfação, contorna dificuldades, acalma a ansiosa espera. Presta inestimáveis serviços amorosos, dá lições preciosas, simples, dignas de ambicionar-se sentir na própria carne a cativante amabilidade.



SOBRE OS BENS

Os bens não são permanentes, às vezes se contradizem com a convivência entre os males e as maledicências, se dissolvem, são violados por aquele que não os hie-

rarquizam, se dissolvem nos encontros ocasionais e se dispersam entregues nos encontros fugazes, menores. Em suas inocências, os que pouco se preservam, entregam o melhor e o mais precioso em proporções não calculadas de vulgarização, irracionais se opõem aos modelos por falta de consenso e privilégio. Os que não cultivam o privado, os que se oferecem sem critérios, vulgarizados em suas poucas originais preservações, entristecidos, empobrecidos, se preparam para a solidão promovida, produzida, escolhida. Aquele que sonha não entrega seus sonhos a qualquer um.



QUASE NATURAL

Traz mais medo a declaração pública do amor que uma briga de rua, mais espanto uma declaração sincera e manifesta que uma ofensa declarada.

POSTURAS SELETIVAS

Acomodar a natureza o desejo à cultura transforma o curso da vida fazendo-o ficar em lugares mais toleráveis. Apagadas as primeiras compulsões, posturas resolutas se chamam em voz baixa. Formadas, firmes e amigáveis elas saberão suas consequências.



O ACENO DA MORTE

A morte acena com a oferta do sossego, promete que preserva o encanto, ensina a captura. Pela rendição alimenta o fim da dor indizível. Esgotada a tolerância, resta o definitivo, não importa por onde comece ou termine, estamos diante de um fenômeno que forma o caminho do irreversível.

RESPIRO E DESEJO

Os desejos arremessados necessitam em algum momento obrigatoriamente respirar. Havendo decorrido um tempo entre a pergunta e a resposta vários ruídos ocupam a paz pretendida. Excelentes declarações não cumpridas acabam declarando sua inconsistência, remetidas como mentiras cínicas não acertam, mas ferem a alguns. Sempre emergem controladas indignações aproximando a carne despreparada e a alma condicionada. Apanhar incautos é fácil, difícil é evitar esta destruição. Abundam convites nas camas e nas mesas, se acrescentarmos o pouco que custa apanhar, não nos admirará em aceitar a extinção e em desacreditar no semelhante.

O PIOR

Os humanos vivem o pior dos abandonos, a exclusão, a falta de oportunidades, marcando e determinando uma violência endêmica.

Agonizando nas desconfianças e nas tentações, desorganizados fogem. Expandem-se a fraude e o embuste, desautorizados assistem priorizadas as inconveniências, premiadas as ofensas, diluídos os compromissos. Protegidos aqueles com disfarce e adornos, favorecidos, levam uma vantagem unilateral, perpetuam o desequilíbrio.

Deixam a inocência como caução.



O TAMANHO DOS VAZIOS

Isso de perdas e distâncias revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. Sem avisos, a vida faz da tristeza uma dor bonita, uma porteira onde era para ser passagem. É sino que badala fora de hora indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.

A CARA DA FOME

A fome chega com vergonha de voltar, ainda que nem sempre decida a mandam sempre para o mesmo lugar, como se fosse ordenada, se lança na boca dos famintos regressando, vencendo a saciedade, entra pelos ouvidos, olhos, pelo cu, habita desnorteando a cabeça, chamando a atenção para si que cada vez que se instala. A qualidade da sua presença é nula, não chega ao uniforme, à gravata, à batina, à farta irresponsabilidade que a coordena. Volta sempre pior, cada vez aumenta seu tamanho ocupando os espaços crescendo até ser dor, penduram a angústia na frente e o anonimato por detrás, seu passaporte lhe dá acesso a todas as fronteiras erotizando uma digestão não conseguida, então a cara da fome tem uma expressão de convalescença crônica.

A MEMÓRIA NÃO CHEGA A TANTO

Poucos saem felizes destas histórias emperradas que ferem de penas os corpos e as almas nelas envolvidos. Poucos saem ilesos, com o espanto limitado, confuso, quando se faz o selvagem, a virtude principal reduzida fica despida de provas. Confusas, as questões ficam de difícil resposta porque o imprevisto ocupa o lugar da serenidade, a memória não chega a tanto.



SÓ

O esforço e a paciência aumentam o desejo ao extremo de sua intensidade, tornando mais profunda a expectativa.

BUSCO GARANTIA

Sempre haverá corações esquecidos das dores de amor, aqueles que fingem não saber sobre essas coisas fora de controle. Não se alfabetizam nas letras do amor. Dores profundas andam em tempo de paz fazendo feridas de guerra.



LUGAR DA SINCERIDADE

Um desinteresse lima as relações entre os humanos introduzindo a astúcia no lugar da sinceridade, alisando e homenageando os que vestem máscaras como insanos adornos.

DOCES AMORES

Sabores doces dos amores em sua primeira declaração pousam suaves como pássaro, leve, surgem do nada, convictos em possuir o lugar novo sem pedir licença, sem sabê-lo disponível ou não. Carregam histórias de mais e de menos, rigores permissivos, liberdades doídas, deixam rastros do já vivido e muito do ainda a viver.



O TEMPO QUE DILATA

Entre a vida e a morte há um tempo que dilata as relações entre mestres e aprendizes, passando todos a serem ambos. Alternando-se poderes e saberes, acaba-se essa pretensão de governantes fixos e eternos.

AFETOS FAVORÁVEIS

Habitados a animar e repartir os afetos mais favoráveis, as mentes dos que amam, distribuem sorrisos, iluminam as melancolias, sugerem um caminho aos amores errantes para que deixem de errar, albergam corpos penados e almas solitárias, eliminam os efeitos colaterais da desesperança, encolhem as dores, frequentam as carências mais privadas adoçando as bocas que os acolhem. Entram por um lugar onde a previsibilidade não alcança chegar. Convertem a vida disponibilizando aceitação e amparo. Os afetos mais favoráveis fazem a inclusão do amor, elevam os pensamentos, incluem e instauram uma sincera proposta que convida e encanta, hospedam a solidão.

OS AMANTES REINVENTAM

Os amantes reinventam acolhidas cuja inclinação é a reciprocidade, a permuta e a confissão alternada para ouvir, degustar uma leve ostentação do silêncio oportuno para poder aceitar-se tão desejados. Como se fossem parte um do outro, adotam novas formas de dar e receber. Aqueles que conhecem a acolhida, o designam como o mais digno dos carinhos. Tal consciência determina um verdadeiro despertar para a importância das cordialidades menores.



O GRITO E O SILÊNCIO

Grita quem pode; cala quem pensa.

QUANDO O AMOR SE INAUGURA

Quando o amor se inaugura, parece saber o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta as suspeitas, estimula os encantos. Suspeita-se que ali há um tesouro. Rende os que celebram a novidade sem ideia do risco. O amor deixa a ganância, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, prega uma segurança que depois não dá. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todos os acertos serão justos. Diante dessa suposta proteção, relaxam-se as precauções.

Os amantes seguem agarrados a isso. E mesmo quando não podem mais, sonham.

Eles se separam mais pelo que deixam de se fazer do que pelo que se fazem.

ENTRE ENCONTROS E DESPEDIDAS

Entre encontros e despedidas dos amantes, instala-se a rotina de cuidar um do outro cada vez que se alternam os afetos. Inesperadamente, podem se despedir dizendo até já ou para sempre. Misturam-se visões e lágrimas em evidente transformação da alegria. Ganham e perdem todas as forças, se habitua a um vai-e-vem entre êxtases e fracassos, doçura singular e abandono, fusão e decepção. Entremeados por sentimentos e ações, vão da declaração ao desespero. A perda nivela todas as diferenças, ensinando o valor de minorar a importância ou suspender as razões que complicam o convívio. A agonia se ensaia, diversificando a perturbação, tirando a vontade de estar.

Recolhido, o amor busca outros interlocutores. O amor precisa de abrigo para repousar.

SOBRE AS ILUSÕES

As ilusões são como um gozo eterno que comparecem confirmando promessas. Violam as leis fundamentais, reinventam o impossível, ressuscitam os arquivos mortos, recolhem as sobras, usam as palavras fáceis, acordam a ambição e a vontade de enganar. Comovem, praticam o encantamento, concedem desejos, distribuem provisões, adiam despedidas, recordam esquecidas canções, conhecem o segredo de comover. As ilusões fazem reais as crenças, realizam desejos no sonho alheio, constroem propósitos, atuam decretando um bem estar cego, decididas a evitar o pior. As ilusões habituam ao adiamento e à paciência, evitam comprovações. Sob pretexto, entram nos sonhos, nas ideias, nas vontades, exaltam o impossível, escondem o medo, contam, a sua maneira, o que cada um quer escutar.

SEM PROTEÇÃO

Os abandonados, sem a proteção do amor que infundiu um valor ao viver, lutam por prazos, ajustam tolerâncias, mudam atitudes, tudo em nome do foragido amor. Mesmo aquilo que há de mais ilustre em cada um, se abate.



RONDA

Coisas não escolhidas rondam nossos espaços facultando que os desejos se aproveitem dos improvisos para convencer o coração de que o amor pode brotar. Os desejos falseiam encanto para sepultar a censura, ofuscar o entendimento que insiste na conquista para não ser feliz. Temendo as falhas, se valem de estratégias. Toda saída é dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência, a derrota.

QUASE CONTOS

Fazem-nos pensar quais são as escolhas certas. Quase mitos, quase contos, esses amores de consumo não fazem fila nas saídas, se pisoteiam, se acotovelam, se atropelam, neste salve-se quem puder se devoram, se desejam o pior, acabam em perigosas ações.

Surpresas costumam surgir, desconcertando aquele que nada entende de perder diante do outro que festeja como se houvesse ganho cumprindo as regras do jogo.



O TAMANHO DO PECADO

Os pecados grandes valem a pena quando deixam pequenas e valiosas lembranças, enquanto os pequenos deixam grandes culpas, por escassez de coragem ou por excessos de zelo.

PROCESSO

Conheci os inventores do jogo, os que validaram as regras e os secretos acordos para ajustar o exagero e a indecência.



VIVA O PRAZER

A força da paixão aprofunda a dedicação, a expressão, a saudade, o patrimônio, a vaidade, a responsabilidade, os esforços e a alegria – grandiosa ou prosaica.

A VOZ DOS POETAS

A voz dos poetas assume as perdas e as distâncias, revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. A voz dos poetas toca os sinos que badalam fora da hora, indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.



NOVIDADE OU AMEAÇA

A vida manifesta permanentemente imprevistos, ou se os admite como parte dela ou como uma aberração a ser demitida.

CORPOS SOTERRADOS

A ganância abalada e a gula acendida precipitam os corpos uns soterrados nos outros, fora dos seus domínios, insubstituíveis em suas funções de apresentar o prazer. Erguem seus corpos em favor dos jogos de sombras e luzes, desembarcam vocações novas, primeiramente, disfarçados de semelhantes, depois escravizados em proibições que rejeitam, apavoram e condenam.



FONTE SUPREMA

O prazer do amor, fonte suprema de todos os demais afetos, recorre aos cuidados, acena com superações, colhe o que encontra, espalha os pecados, exalta a natureza humana do erro; a recordação e a saudade mantidas na origem da sua história. O prazer do amor sustenta os encontros, a espécie e a esperança depositados no princípio.

Roberto Curi Hallal

